



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DE PESQUISA**



**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E
INOVAÇÃO**

**(PIBIC-CNPQ, PIBIC-CNPQ-AF, PIBIC-UESPI, PIBIC-UESPI-AF,
PIBIC-Voluntário) 2017-2018**

RELATÓRIO FINAL

**HISTÓRIA SOCIAL E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NA
CAPOEIRA TERESINENSE: uma investigação documental**

**Robson Carlos da Silva
Orientador**

**Jéssica Yule Lisboa Barbosa
Pesquisadora/Bolsista**

TERESINA, AGOSTO 2018



1. Apresentação e Justificativa

A capoeira como instituição e prática cultural é tema de diversos campos do conhecimento, recebendo abordagens as mais diversas, tais como, histórica, antropológica, sociológica, linguística, educacional, dentre outras. São inúmeras as contribuições de especialistas que se apropriam dessa temática e imprimem suas marcas. Alguns aspectos, no entanto, ainda carecem de um olhar e um cuidado mais aprofundado, tanto por causarem certo desconforto, quanto pelo total descaso, tal é a condição da mulher, sua participação e importância nesse universo.

Abordar sobre a história da participação e das experiências das mulheres no universo da capoeira não é fácil. Não porque essa história não existiu ou porque não existem fontes que possam contribuir para se contar aspectos dessa história, mas por conta do insistente silêncio acerca da história das Mulheres na capoeira, seja pelo machismo que ainda persiste nessa prática (SILVA, 2017), seja pelo difícil processo de construção da identidade feminina, fugindo dos estereótipos e das projeções negativas dessa identidade na sociedade brasileira de forma geral e, mais especificamente, da sociedade teresinense.

Nos livros e artigos sobre capoeira não é fácil de se encontrar abordagens sobre diversos temas, tais como, principais vultos, quase que exclusivamente homens; temáticas históricas e aspectos tradicionais, culturais e sociais; relações entre povo e elites; etnias, raças e nacionalidades; crianças e educação; aspectos atuais dessa prática nos contextos sociais urbanos e rurais etc.

A cultura da capoeira não pode ser atribuída a somente a realização da roda com seus ritos, tampouco à identificação comprovada de pertencimento a maltas ou grupos, mas a partir de determinados comportamentos e posturas, visto se tratar de uma cultura, um verdadeiro código de sobrevivência do povo, incluídos negros forros, escravos de ganho, brancos imigrantes, trabalhadores da rua, vagabundos, vadios, indígenas, bambas, dentre outros, caracterizando o povo da rua. Se utilizando de obras literárias, Diários oficiais, Processo-Crimes, Acervos Públicos e privados e notícias jornalísticas Abib (2013) costura, por meio de minibiografias, perfis de mulheres capoeiristas, contribuindo para desconstruir a ideia da ausência delas nesse universo.

Uma mulher que se destacou nas cenas das ruas como valentona e com fama garantida nos redutos da malandragem da velha Salvador na Bahia, foi Cattú, também conhecida como Antônia de Tal, constantemente vista em desentendimentos e conflitos. Tinha como característica a surpresa por meio da qual se utilizava para enfrentar seus desafetos, podendo se servir de uma navalha amolada ou das pernadas violentas e capazes de fazer cair longe a pessoa atingida. Quando o assunto é valentia e bravura a tendência é se atribuir aos homens estes atributos, enquanto às mulheres comumente se reserva atributos tais como meiguice e beleza, mais próximos da sedução, e fraqueza e medo, quando se refere a



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DE PESQUISA**



enfrentamento de dificuldades. No entanto, podemos perceber que se trata muito mais de preconceito e tentativa de manter o poderio do homem como central, relegando as mulheres à condição de vítimas e fracas, necessitando do amparo e proteção do homem.

O fato demonstra a significativa presença das mulheres, novamente ressaltando, na cultura da capoeiragem, visto se tratar de códigos de próprios de uma cultura que se convencionou, reforçado pela historiografia tradicional, atribuir exclusivamente aos homens, como se a mulher não fizesse parte dessa história e somente mais à frente por outros motivos, notadamente estéticos e por estar na moda, passasse a se interessa e praticar essa arte.

A história das mulheres capoeiristas em Teresina não é muito diferente da história das mesmas em outras realidades pelo Brasil afora. Como relatado anteriormente, a trajetória da mulher na capoeira em sua maioria é contada por homens mestres de capoeira, na qual a mulher aparece muitas vezes como coadjuvante. De acordo com Silva (2016), as mulheres sempre tiveram participação efetiva na capoeira e não eram ressaltadas como sujeitas dessa história porque a historiografia oficial, escrita principalmente por homens, carecia de fontes originárias de documentos e narrativas acerca da história das mulheres. Com as mudanças ocorridas na sociedade o “lugar da mulher” vem se modificando, visto que era restrito somente ao trabalho doméstico, porém atualmente vem ganhando espaço e visibilidade, o mesmo ocorrendo no universo da capoeira.

Para melhor ilustrarmos e embasarmos esta trajetória, foi importante tratarmos acerca das entrevistas transcritas em documento, fruto de pesquisa de TCC desenvolvida em parceria com outra aluna do curso de Pedagogia da UESPI, em 2016 e disponibilizadas como fonte da pesquisa em tela, tratando dos relatos de quatro mulheres capoeiristas, as quais foram escolhidas pelo critério de tempo de suas práticas. Uma iniciou no final dos anos de 1980, outra em meados dos anos de 1990 e outras duas na segunda metade da mesma década, atentando para o espaço temporal estudado.

Podemos apontar como principal justificativa para o desenvolvimento do estudo, o cuidado com a preservação e difusão cultural das heranças educacionais teresinenses, principalmente de natureza não formais, por meio das lembranças de trajetórias e histórias de vidas das pessoas que vivenciaram e ajudaram a construir as histórias que serviram e servem de palco para estas heranças, situadas além do *corpus* teórico histórico estatuído como oficial, atentando para as inúmeras possibilidades e novas interpretações que se descortinam sobre os acontecimentos e fenômenos que se constituem enquanto objeto de estudo dessa área do conhecimento.



2. Objetivos e Metas

A presente pesquisa teve como objetivo compreender os sentidos e os significados atribuídos por mulheres capoeiristas teresinenses, às interfaces entre suas trajetórias de vida e as práticas pedagógicas características desta cultura.

Partindo do nosso objetivo tivemos como metas; aprofundar investigações bibliográficas acerca da participação de mulheres na prática da capoeira no espaço temporal dos anos finais da década de 1980 aos dias atuais; identificar a capoeira como prática pedagógica no espaço escolar e não escolar; analisar como as mulheres capoeiristas teresinenses representam, constituem e determinam sentidos e significados a suas práticas na capoeira, por meio da escuta e registro de suas narrativas; descrever o papel sociocultural das mulheres e suas contribuições pedagógicas no contexto das práticas da capoeira em Teresina.



3. Material e Métodos

Este projeto iniciou em agosto de 2017, onde discutimos sobre as definições das questões de pesquisa, das bibliografias e aspectos a investigar, prosseguindo em setembro do mesmo ano, em que identificamos e selecionamos as referências e universo da pesquisa, optando pela leitura aprofundada e minuciosa das narrativas documentais. Em seguida, no mês de outubro efetivamos as análises dos documentos escritos contendo as narrativas das mulheres que haviam sido entrevistadas, ressaltando que prosseguimos com esse estudo nos meses de novembro e dezembro. Já em janeiro e fevereiro de 2018 alcançamos mais uma etapa fazendo a análise e interpretação destes dados.

Nosso material utilizado para análise, conforme ressaltamos, foram as entrevistas de quatro capoeiristas teresinenses, identificadas por seus apelidos na capoeira, a saber: Catita, Têra, Oncinha e Malagueta. As referidas narrativas tratam-se de um recorte de uma pesquisa institucional do NUPHEB - Núcleo de Pesquisas em História Cultural, Sociedades e História da Educação Brasileira, do qual tanto foram pesquisadoras.

O processo de entrevista oral que originou os documentos escritos, envolveu uma série de negociação, desde o processo de elaboração do projeto de pesquisa, até a ida ao campo, para a execução das entrevistas, técnica fundamental neste tipo de pesquisa.

A escolha de um personagem cuja história de vida seja importante para determinado projeto envolve, também, aprofundado estudo e conhecimento acerca de quais aspectos, de suas lembranças, se fazem relevantes e indispensáveis vir à tona na trajetória de vida narrada. As personagens que foram entrevistadas têm uma história de vida cuja trajetória carrega lembranças e reminiscências vivas de experiências no universo da capoeira, em especial, a praticada em Teresina/PI, no lapso temporal dos anos finais da década de 1980 aos dias atuais de 2018.

O estudo foi realizado em três etapas principais. Primeiramente, a pré-análise em que efetivamos a organização do material que foi investigado. Executamos um levantamento do material lido, o qual consta textos e imagens de jornais, fotografias, assim como, o documento escrito das entrevistas com as quatro capoeiristas teresinense. O material, fonte da pesquisa, foi separado e categorizado segundo a natureza das informações fornecidas, a época do registro e se aborda a temática geral sobre a história da capoeira ou o tema específico relacionado a aspectos da escolarização dessa arte, a participação da mulher no universo da capoeira.

Em seguida temos a descrição analítica, em que foi aprofundado estudo do material organizado e categorizado na pré-análise e que compôs o *corpus* fundamental que forneceu os dados que serviram de



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DE PESQUISA



base para as análises finais. Em virtude disso, essa fase foi orientada pelas informações e produções de pesquisas anteriores, destacadas na justificativa, e nosso referencial teórico, seguindo a compreensão de que toda pesquisa deve partir de uma base de informações sólida e legitimada. No decorrer da pesquisa tivemos algumas dificuldades no que se refere ao não acesso a documentos e arquivos visuais imagéticos referentes ao objeto da pesquisa, ou seja, que representem o processo sobre o qual nos propomos e efetivamos as análises adequadas e que produziram os dados.

Após o estudo dos materiais nos detemos à análise das entrevistas, já que não encontramos fragmentos além dos fornecidos nas mesmas. A presente pesquisa centrou-se no contexto da história social da capoeira em Teresina/PI; no processo de escolarização dessa arte, como é apresentada e levada às escolas, enquanto ferramenta de cunho pedagógico, assim como, nos sentidos e significados atribuídos por mulheres capoeiristas às interfaces, por elas identificadas, entre as práticas pedagógicas características da capoeira e suas trajetórias de vida.

Finalmente, na terceira e última fase de interpretação referencial, aprofundamos as análises finais, que orientaram as considerações finais do estudo. Esta fase de interpretação referencial, a partir da qual acreditamos trazer novas possibilidades para a investigação sobre fenômenos sociais e humanos, especialmente, aqueles em que o *corpus* teórico vai sendo produzido à medida que nos aprofundamos em suas práticas reais, estas com pouco, ou nenhuma, teoria produzida acerca de sua natureza, tal é o caso da história das mulheres capoeiristas.

Por meio dessas três fases desvendamos os pressupostos de natureza cultural, especialmente os modos de relações e as dinâmicas envoltas na produção do fenômeno histórico objeto da pesquisa, a saber, esse movimento de aproximação e inserção das mulheres na capoeira, assim como, a percepção da mesma como prática pedagógica escolar e não escolar, a partir do contexto mais geral da História Social dessa cultura em Teresina/PI.



4. Resultados e Discussão

Para compreender melhor a inserção e prática da mulher na capoeira, assim como, a percepção da mesma como prática pedagógica escolar e não escolar, foram analisadas as entrevistas feitas com quatro capoeiristas teresinenses. Inicialmente, analisamos o período de inserção das capoeiristas entrevistadas; a motivação e recepção das mesmas nessa arte, assim como, as impressões iniciais que elas tiveram. Partindo de uma ordem cronológica, primeiramente tratamos sobre a capoeirista Têra, a qual afirma ter iniciado sua prática no ano de 1991, segundo a contramestra, sua motivação veio a partir do contato com o Maculelê e sua recepção foi fácil e prazerosa, pois já conhecia outros membros do grupo.

Ao analisarmos a entrevista da capoeirista Catita, observamos que antes de iniciar sua trajetória nessa arte, ela a conheceu por influência de seu irmão que já treinava. Logo após, Catita passa a namorar um professor de capoeira, viajar com o mesmo para as apresentações e conhecer mais sobre a história cultural dessa arte, surgindo, assim, seu interesse para iniciar os treinos, isso ocorreu na década de 90. No que se refere a sua recepção no universo da capoeira, Catita relata que foi bem recebida, pois, além de namorar um professor de capoeira, de acordo com ela “Sempre fui muito bem recebida no meio [...], a recepção foi muito boa, nunca senti nenhuma resistência, pois já me conheciam” (CATITA, entrevista oral em nov. 2016). A capoeirista afirma, ainda, que sua família teve muita resistência em deixá-la praticar a capoeira, principalmente o pai, pois eles viam a prática como algo marginalizado.

Malagueta afirma ter iniciado sua trajetória na capoeira no ano de 1996, após ter participado de uma colônia de férias e ter entrado em contato com essa prática. A partir de então ela manifestou interesse em entrar na arte. No que se refere a sua recepção na capoeira, Malagueta nos informa que foi bem recebida e afirmou que sua impressão inicial foi que tinham poucas mulheres no grupo, conforme sua fala: “O grupo era muito grande e tinham poucas mulheres, mas não foi algo que me intimidou” (MALAGUETA, entrevista oral em nov. 2016).

Oncinha relata que foi bem recebida pelo grupo e que no mesmo tinham muitas meninas, conforme ela afirma: “Fui muito bem recebida porque já tinha muitas meninas, eram mais ou menos 150 alunos no projeto e tinha quase 100 meninas” (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

Percebemos através de sua fala uma acentuada participação feminina na prática da capoeira, porém ainda persistia a ideia machista de que a capoeira não era para mulheres, pois conforme Oncinha “[...] a comunidade recebia muito bem, só a questão da mulher que não era bem vista, que praticava capoeira, que ainda diziam muito que era coisa de homem” (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

A respeito de suas atuações pedagógicas, tendo como objetivo identificar se e em quais condições ministraram aulas de capoeira, bem como se essas aulas eram ministradas em espaço escolar ou não escolar, capoeirista Têra nos informou que ainda ministra aulas de capoeira em um projeto cujo nome



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DE PESQUISA**



é “Gingando com Cidadania”, o qual é realizado no núcleo do Rone Mirim, instituição de batalhão policial oficial do estado, sem natureza educacional escolar. A capoeirista afirmou que quando começou a ministrar aulas ainda era corda azul pois trabalhava no comércio a semana inteira e não tinha muito interesse em ministrar aulas. Inicialmente, Têra não tinha interesse em ministrar aulas de capoeira, pois conforme a capoeirista as pessoas só se interessavam pela arte quando ocupava espaço na mídia. Passado algum tempo e amadurecendo na prática da capoeira, começou a ministrar aulas no projeto do Rone Mirim, o qual se trata de uma prática educativa realizada em um espaço não escolar.

Catita não chegou a ministrar aulas, informando-nos que nunca pensou em ministrar aulas de capoeira, isso pode ser observado quando afirma: “[...] parei na corda de graduação, nunca me vi dando aula de capoeira, e coincidentemente eu parei na época para ter minha filha, e o tempo foi ficando menor” (CATITA, entrevista oral em nov.2016). Ela deixou de praticar capoeira quando engravidou, afastando-se quando sua filha nasceu, pois ficou sem tempo para se dedicar à prática. No que se refere à capoeirista Malagueta, a mesma nos informou que ministrou aulas em um projeto “Esporte Solidário”, a convite de seu mestre. Malagueta afirma que sentiu preconceito por parte da comunidade na qual o projeto estava inserido, visto que se tratava de uma mulher ministrando aulas de capoeira. Porém, conforme afirmou, os alunos eram crianças e não demonstravam esse preconceito.

Oncinha, por sua vez, ministrou aulas tanto no espaço escolar como no espaço não escolar. Oncinha teve incentivo logo no início da sua graduação para ministrar aulas, indo em busca de suas alunas em seu bairro e tendo como foco um grupo de mulheres para ministrar suas aulas. Ela executou esse projeto no espaço cultural Piratinga, localizado no bairro Poty, em Teresina, local onde iniciou sua prática.

Após esse projeto em sua comunidade, Oncinha ministrou durante 5 anos aulas de capoeira em um programa chamado “Mais Educação”, o qual foi desenvolvido no espaço escolar. Como relata “[...] depois surgiu o projeto Mais Educação, dei aula por 5 anos, com essas aulas a pedidos, veio a necessidade de abrir a turma para os meninos no Piratinga, sendo turmas para meninas terça e quinta e turmas mistas na quarta e sexta, não fiz turma só de meninos”.

Sentimos a necessidade de questionar às capoeiristas sobre a condição feminina enquanto professoras de capoeira. Acerca disso, Têra nos informou que sempre foi muito bem recebida pelos alunos, como podemos identificar quando afirma: “A mulher, pelo menos nas minhas experiências sempre foi bem recebida como professora de capoeira, muito respeitada também” (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016). Por sua vez, Catita levantou uma importante discussão sobre a conquista de espaço das mulheres. Conforme defendeu, seria mais fácil uma mulher ministrar aulas de capoeira atualmente: “[...]”



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DE PESQUISA**



hoje creio que não teria preconceito em uma mulher dando aula de capoeira, hoje já conquistamos muita coisa, acho que não teria preconceito, talvez não seria tão fácil mas também nada impossível” (CATITA, entrevista oral em nov.2016).

Conforme Malagueta, houve ascensão e visibilidade no que se refere à mulher como professora de capoeira. Isso pode ser analisado quando a mesma fala que “hoje é mais acessível para a mulher dar aulas de capoeira, há um suporte, um apoio maior eu acho, há mais estudos e principalmente muito mais mulheres empoderadas, não estaria mais fácil, mas talvez menos difícil” (MALAGUETA, entrevista oral em nov. 2016). A capoeirista Oncinha nos relata um momento marcante que teve com um aluno, que segundo a capoeirista pode ter mudado a concepção dele sobre uma mulher ser professora de capoeira. Vejamos a afirmação de Oncinha: “Uma única vez, nas minhas primeiras aulas do Mais Educação, um aluno se surpreendeu por ser uma professora para dar as aulas de capoeira e perguntou se eu sabia pular mortal, fiz um mortal sem as mãos e conquistei ele” (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

Sobre suas os projetos que atualmente desenvolvem. Têra afirmou que realiza dois projetos e, conforme ela: a “[...] inserção da capoeira na Caminhada Outubro Rosa¹ e ministro aulas de capoeira aos sábados, para os alunos do pelotão mirim do Rone” (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016).

A capoeirista Catita é professora substituta do Ensino Superior e Universidade Pública, não desenvolve atualmente projeto de prática da capoeira. Já Malagueta atualmente é funcionária pública do TRE/PI/Altos e não desenvolve projeto relacionado à prática da capoeira. A capoeirista Oncinha nos relatou que trabalha cerca de 10 anos com projetos de capoeira, conforme afirma: “dou aula há 10 anos no Piratinga, Virtude Capoeira, onde comecei, da turma de 52 meninas, ficaram 3, agora são todos novos, a maioria vindos do Mais Educação” (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

A partir das narrativas das capoeiristas teresinenses entrevistadas percebemos como essas histórias e memórias relatadas se interligam e nos fornecem pontos importantes para uma reflexão sobre a condição feminina que vem percorrendo uma ascensão em vários espaços. Podemos notar a ascensão da capoeira que antes era uma prática marginalizada, tomando proporções universais e rompendo barreiras. A seguir fazemos nossas considerações finais acerca da pesquisa.

¹ Evento realizado anualmente em Teresina, no mês de maio, com vasta cobertura da imprensa e apoio de instituições públicas e privadas, sendo Têra responsável por coordenar uma marcha de mulheres capoeiristas que culmina numa roda de capoeira.



5. Conclusões

A história das mulheres na capoeira foi marcada por momentos de preconceito e discriminação, essas mulheres que praticavam capoeira eram vistas de forma preconceituosa na sociedade machista e conservadora em meados do século XVIII e XIX. A presente pesquisa, dada sua dimensão foi organizada a partir da intenção do levantamento de aspectos relevantes acerca dos sentidos e os significados atribuídos por mulheres capoeiristas às interfaces, por elas identificadas, entre as práticas pedagógicas características da capoeira e suas trajetórias de vida.

O trabalho realizado, partiu de investigações bibliográficas, em textos de documentos oficiais e não oficiais, notícias jornalísticas e registros de imagens paradas acerca da participação de mulheres na prática da capoeira no espaço temporal dos anos finais da década de 1980 ao ano de 2018 comprovou que foi ínfima a participação feminina no universo da capoeira. Partimos do entendimento de que as mulheres sempre tiveram participação efetiva na capoeira e que não eram ressaltadas como sujeitas dessa história porque a historiografia oficial, escrita principalmente por homens, carecia de fontes originárias de documentos e narrativas acerca da história das mulheres.

Através desse trabalho identificamos, por meio da leitura e análise documental de suas narrativas, enquanto resposta ao problema central do estudo, que as mulheres capoeiristas teresinenses representam, constituem e determinam sentidos e significados a suas práticas na capoeira de forma positiva, enquanto dinâmica e contribuição relevante para o universo dessa arte-cultura, bem como prática que, por meio de suas lutas, conscientização e, em alguns casos, por meio de imposição, passou a ser reconhecida e valorizada, inclusive, ganhando destaque nestes cenários, até certo ponto, predominantemente masculino, machista e sexista.

Neste sentido, descrevemos no corpo do trabalho elementos fundamentais que destacam o papel sociocultural das mulheres e suas contribuições pedagógicas no contexto das práticas da capoeira em Teresina/PI.

Com a realização da análises deduzimos que as capoeiristas, inicialmente, foram bem recepcionadas em seus grupos de capoeira, mas tiveram resistência no que se refere à família, pois a capoeira era vista de forma marginalizada e não se aceitava a sua prática por mulheres. Percebemos que a inferiorização da mulher estava idealizada tanto na sociedade, quanto nas rodas de capoeira, no momento em que ela não tinha espaço como os outros capoeiristas do grupo.

Outro aspecto abordado nessa pesquisa foi a capoeira como prática pedagógica escolar e não escolar, em que, através de suas narrativas documentadas, podemos entender que a capoeira foi trabalhada por meio de projetos em espaço tanto escolar como não escolar. É importante ressaltar que a maioria das



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DE PESQUISA**



capoeiristas entrevistadas já ministraram aulas durante sua trajetória na capoeira, porém somente duas, atualmente, seguem com projetos voltados à prática pedagógica e expansão da capoeira. Portanto, é necessário compreendermos a importância de a capoeira ter superado o preconceito que lhe foi historicamente atribuída enquanto prática marginalizada, realizada nas ruas, e conseguir chegar e ocupar espaço privilegiado em espaços escolares, alcançando reconhecimento sociocultural e educativo.

De acordo com nossa análise e interpretação referencial deduzimos que as práticas destas mulheres, em seu próprio movimento de luta por espaços e por reconhecimento, se constituem em práticas pedagógicas, em formas de pedagogias sociais, caracterizadas pela intencionalidade, o movimento, as dinâmicas e o fazer, encharcados e profundamente marcados de feminilidade, assentadas na insistente e sempre urgente luta por respeito, em que se utilizam da estética da capoeira, acima de uma possível marca sexista, ou seja, de seus corpos e de sua beleza como atributos essenciais, para deixar claro que são mulheres, sim, porém são capoeiristas possuidoras de características fortes, personalidades definidas, intenções claras e, acima de tudo, capacidades e competências forjadas no bojo desta prática, sem perder a ligação significativa com suas vidas, enquanto mulheres, mães, esposas, estudantes e profissionais.

O trabalho traz à baila, também, que as mulheres conquistam espaços, antes somente permitidos aos homens, assumindo a autoria de histórias, ou seja, de suas histórias, até pouco tempo escrita somente pelos homens, além de surgirem frente aos grupos e escolas de capoeira como protagonistas, novamente destacando se tratar de pedagogias sociais que emergem como ferramentas sociais de imposição de suas intenções e condições, iniciando este movimento em suas próprias famílias, muitas vezes, conforme suas narrativas, lugar em que o preconceito de mostra de forma mais efetiva e ferrenha, para em seguida, por competência e consciência plena do que intencionam, assumirem lugar central no universo da capoeira teresinense, num movimento impossível de recuar e que somente cresce e se solidifica.



6. Referências Bibliográficas (máximo de 2 páginas)

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers (Coord.). **Mestres e Capoeiras famosos da Bahia**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2013.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9394/96**. Brasília: Senado Federal, 1996.
- FENELLON, Dea. Pesquisa em História: perspectivas e abordagens. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 131-152.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006
- LIBÂNEO, José C. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 59-97.
- MORAES, Cândida Andrade de. **Pedagogia Social comunidade e formação de educadores: na busca do saber sócio-educativo**. Disponível em: www.smec.salvador.ba.gov.br/site/.../espaco.../pedagogia-social.pdf. Acesso em: 23/03/2018.
- OLIVEIRA, Josivaldo Pires e; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira identidade e gênero: Ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: UFBA, 2009.
- REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**. Ensaio Sócio-Etnográfico. Salvador, BA: Itapuã, 1968.
- SCOTT, Joan. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. In. **Debate Feminista: Cidadania e Feminismo**, n. especial, 2000.
- SEVERO, J, L, R, L. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. Revista Brasileira Estudos Pedagógicos [online]. Brasília, v. 96. n. 244, p. 561-576, set/dez. 2015
- SILVA, Robson Carlos da. **As narrativas dos mestres e uma história social da capoeira em Teresina/PI: do pé do berimbau aos espaços escolares**. Curitiba: CRV, 2016.
- SILVA, Robson Carlos. **Trajetórias de vida e narrativas orais: uma história social de mulheres na Capoeira Piauiense**. In: OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Souza; FREITAS, Antonio Jeferson Lins; FERNANDES, Ana Carla Sabino (Orgs.). Caderno de resumos [recurso eletrônico] **11º ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA ORAL: Ficção e poder: oralidade, imagem e escrita**, 9 a 12 de maio de 2017. Fortaleza, CE: UFC, 2017. 107 p. (p. 60).
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição: os capoeiras na corte imperial (1850-1890)**. Rio de Janeiro: Access Editora, 1999.
- STREY, M. N. Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DE PESQUISA



In: GROSSI, P. K. **Violências e gênero**: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A Capoeira na Bahia de todos os Santos**: um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890-1937). Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafiset, 2004.

Entrevistas de História Oral

CATITA. 2016. Entrevista IV feita por Ysnaira Pollyanna Damasceno Avelino, nov., Teresina/PI. [1 arquivo mp3].

MALAGUETA. 2016. Entrevista I feita por Ysnaira Pollyanna Damasceno Avelino, nov., Teresina/PI. [1 arquivo mp3].

ONCINHA. 2016. Entrevista III feita por Ysnaira Pollyanna Damasceno Avelino, dez., Teresina/PI. [1 arquivo mp3].

TÊRA. 2016. Entrevista II feita por Ysnaira Pollyanna Damasceno Avelino, nov., Teresina/PI. [1 arquivo mp3].